



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
Especialização em Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o
Ensino Fundamental e Médio

JOSÉ JANDER TEIXEIRA DE OLIVEIRA

INTRODUÇÃO AO *DANCEHALL*:
DAS MEMÓRIAS AFRICANAS ÀS RELAÇÕES COTIDIANAS.

PÓLO REDENÇÃO

2022

JOSÉ JANDER TEIXEIRA DE OLIVEIRA

INTRODUÇÃO AO *DANCEHALL*:
DAS MEMÓRIAS AFRICANAS ÀS RELAÇÕES COTIDIANAS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para aprovação no curso de Especialização em Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Orientador: Professor Luis Carlos Ferreira.

PÓLO REDENÇÃO

2022

JOSÉ JANDER TEIXEIRA DE OLIVEIRA

INTRODUÇÃO AO *DANCEHALL*:
DAS MEMÓRIAS AFRICANAS ÀS RELAÇÕES COTIDIANAS.

Relatório/Projeto de Intervenção Didático-Pedagógico apresentado como requisito parcial para aprovação no curso de Especialização em Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab.

Aprovado/a em: ___ / ___ / 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof/a. Dr/a. (Orientador/a)

Prof/a. Dr/a.

Prof/a. Dr/a.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Oliveira, Jose Jander Teixeira de.

O48i

Introdução ao dancehall: das memórias africanas às relações cotidianas / Jose Jander Teixeira de Oliveira. - Redenção, 2022. 32f: il.

Monografia - Curso de Metodologias Interdisciplinares e Interculturais Para O Ensino Fundam. E Médio, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022.

Orientador: Prof. Dr.º Luis Carlos Ferreira.

1. Cultura Africana. 2. Dança. 3. Ensino. I. Título

CE/UF/BSCA

CDD 303.482

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo rememorar o Projeto “Feira Afro”, interpretando a relação dos participantes da dança *Dancehall* em seu cotidiano escolar, enquanto contexto social; cultural; corporal, em gênero e raça, realizado em 2019, numa escola da rede pública municipal de Fortaleza, CE. Os objetivos específicos destacados são: investigar quais foram as memórias dos estudantes sobre a dança *Dancehall*; verificar qual a percepção dos estudantes sobre dança e as questões de gênero; e examinar a percepção dos discentes sobre a dança e o combate ao preconceito no cotidiano dos participantes do evento. O cenário da pesquisa foi a Escola Municipal de Tempo Integral Diogo Vital de Siqueira, localizado no Distrito IV, bairro José Walter – Fortaleza/CE. A pesquisa teve início no ano de 2019, juntamente com o evento “Feira Afro”. A coleta de dados ocorreu de outubro a dezembro de 2021 na escola, após o retorno das escolas municipais ao modo presencial (período anterior ocorrido de modo remoto em virtude da pandemia de COVID-19). Participaram da pesquisa cerca de 38 alunos, porém somente 11 responderam ao questionário. A coleta de dados foi realizada através de questionário semiestruturado. A pesquisa considera-se positiva, ainda que distante de ser concluída, pois houve relação significativa do processo de rememoração feita pelos estudantes e suas relações com as culturas de matrizes africanas.

Palavras-chave: Dancehall; Dança; Ensino.

ABSTRACT

The present work aims to remember the Feira Afro project, interpreting the participants' relationships with Dancehall dance in their school routine. The specific objectives affirm the concepts of ancestry in the school context; to verify if there is a relationship between dance and gender issues and the fight against prejudice in the daily lives of students participating in the event. The research scenario was the Municipal School of Integral Time Diogo Vital de Siqueira, located in District IV, José Walter neighborhood - Fortaleza/CE. The survey was carried out in 2019, together with the event "Feira Afro". Data collection took place from October to December 2021 at the school, after the return of municipal schools to face-to-face mode (previous period occurred remotely due to the COVID-19 pandemic). About 38 students participated in the survey since 2019, but only 11 responded to the questionnaire in 2021, as the others had already broken nexus with the school. Data collection was carried out through a semi-structured questionnaire, in order to investigate what were the students' memories about: the Afro culture presented at the fair; the dancehall dance style and the relationship between the movements and African dances; whether there is, for students, a relationship between dance and the fight against prejudice; and if the gender of the participants interferes in the practice of the dance. To maintain the anonymity of the participants, each student was identified by a letter of the alphabet from the first, represented by the letter A, to the eleventh student, represented by the letter K. For the research, about 4 comments were chosen. Each individual answered about 4 questions, but only 1 answer per student was chosen, in an attempt to obtain a greater diversification of answers by different participants. The results were presented in four categories, according to the questions asked. The distribution was organized in: I – Memory; II – Dance; III – Race and IV – Gender. The results point to an understanding of ancestry and its affirmation in the speeches of the participants. For the answer to the specific objectives, the students' feedback was described as they remembered the event. The dance, an essential factor of the research, was described by the students in detail, reporting the movement of the trunk (described as chest) and hip, typical of black dances. The theme Race (III) and Gender (IV) was also exposed from the opinion of the participants, reporting that it is necessary to pay greater attention to these themes (Transversal Themes) within the classes, regardless of the curricular component that is being addressed. Thus, the research is considered positive, although far from being concluded, as there was a significant relationship between the remembrance process carried out by the students and their relationships with the cultures of African origins.

Keywords: Dancehall; Dance; Teaching.

INTRODUÇÃO

*“Voz é resistência.
Corpo é resistência.
Arte é resistência.
A dança também é.*

O que a memória é capaz de lembrar diante do que foi vivido?

*Reviver o passado.
Regar a ancestralidade.
Rememorar as raízes.
Raízes negras.
Solo sagrado.
Mãe África”.*

(José Jander Teixeira de Oliveira, 2022)

A proposta, inicialmente, gerada no trabalho foi simples: trabalhar com os conteúdos relacionados às matrizes africanas nas aulas de Educação Física, no ano de 2018.

Nesse caso, o projeto de intervenção foi fruto do Projeto “Feira Afro”, que foi realizado no ano de 2019, numa escola da rede pública municipal de Fortaleza - CE, com o objetivo de rememorar o Projeto “Feira Afro”, interpretando a relação dos participantes da dança Dancehall em seu cotidiano escolar, enquanto contexto social; cultural; corporal, em gênero e raça.-

Desdobramos o estudo em objetivos específicos, destacados em: investigar quais foram as memórias dos estudantes sobre a dança *Dancehall*; verificar qual a percepção dos estudantes sobre dança e as questões de gênero; e examinar a percepção dos discentes sobre a dança e o combate ao preconceito no cotidiano dos participantes do evento. Sendo assim, o cenário da pesquisa foi uma Escola Municipal de Tempo Integral Diogo Vital de Siqueira, localizada no Distrito IV, bairro José Walter – Fortaleza/CE, nas aulas de Educação Física com jovens do 9º ano, turmas A, B, C e D.

A componente curricular Educação Física, conforme a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, possui divisões de conteúdos organizados em três blocos: Esportes, Jogos, Lutas e Ginásticas; Atividades Rítmicas e Expressivas e Conhecimentos sobre o Corpo. Essas áreas devem ser desenvolvidas ao longo de da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio).

Já no componente curricular Arte, há a distribuição dos saberes, chamados de Linguagens: Dança, Teatro, Artes Visuais e Música. O componente curricular Arte também é composto do conteúdo Dança como uma de suas linguagens de ensino (Dança, Teatro, Artes Visuais, Artes Plásticas, Música). Deste modo a dança pode atuar tanto

através da Unidade Temática Dança na Educação Física como na Linguagem de Conhecimento Dança no componente curricular Arte.

1.1 APRESENTAÇÃO AUTOBIOGRÁFICA DO AUTOR

A curiosidade com as questões que apresento nesta intervenção, surgiram a partir de minha caminhada formativa iniciada em 2006, no curso de graduação em Educação Física pelo desejo de estudar dança pois ainda não havia cursos de graduação em Dança, em Fortaleza/CE. Então, iniciei a formação em Educação Física por considerá-la próxima da área da dança, embora hoje entenda como áreas com especificidades distintas.

Ao terminar o curso de Educação Física em 2010, ingressei logo os estudos no curso de bacharelado em Dança, na Universidade Federal do Ceará – UFC, em 2011, concluindo em 2016. Em 2014, comecei a lecionar numa escola da rede pública municipal de Fortaleza – CE, como professor da componente curricular Educação Física, onde até hoje permaneço.

Do Bacharelado em Dança, retornei à Universidade Federal do Ceará – UFC para dar continuidade aos meus estudos, dessa vez na Licenciatura em Dança, em 2017. Esse ingresso veio carregado pelo desejo de aumentar meu conhecimento sobre como abordar o entendimento em dança voltado para a componente curricular Arte. A razão para essa integração, deve-se ao fato de que pretendo lecionar nesta área ao concluir a Licenciatura para atuar no ensino básico.

Em 2018, fui convidado pela professora da disciplina de Metodologias do Ensino da Dança no curso de graduação em Educação Física da Universidade Estadual do Ceará – UECE, para lecionar junto a ela e auxiliar na formação dos discentes do curso. Durante as aulas, ministrei: dança jazz e dança contemporânea; danças étnicas; composição coreográfica, e novamente busquei apoio nos conhecimentos da graduação em Dança. Como resposta, os estudantes manifestaram bastante interesse e empolgação, com retornos positivos sobre as aulas.

Como estratégia de avaliação do conteúdo, na aula, pedia a todos uma escrita pessoal sobre as sensações e reflexões sobre as ações durante a aula e suas percepções em formato de diário de bordo. As respostas, quase sempre, eram bastante significativas para me fazer pensar melhorias na metodologia e condução das próximas aulas.

Na escola, leciono como professor da componente curricular Educação Física, nos anos finais do ensino fundamental em que os conteúdos são divididos em

blocos. Num dos blocos, consta a divisão intitulada de “*Atividades Rítmicas e Expressivas*” que faz parte do assunto Dança na área da Educação Física, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s, 1997). Contudo, tem permitido que o aprendiz tenha vivências em diferentes campos do saber, de tal modo que em 1997, a Dança foi incluída nos PCN’s e ganhou reconhecimento nacional como forma de conhecimento a ser trabalhado na escola.

Dos conhecimentos adquiridos ao longo de minhas formações acadêmicas, encontrei em 2020, a possibilidade de realizar a especialização em Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio, através da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. Durante o curso, me instiguei em querer aprender mais sobre a interdisciplinaridade e a interculturalidade aplicadas ao ensino, através dos processos que nos permitiram integrar e avançar nas possibilidades de inclusão das questões étnico-raciais ligadas às matrizes africanas e afro-brasileiras.

Mais uma vez toda essa experiência foi direcionada para realizar uma intervenção através de dança, no estilo *Dancehall*, enquanto uma dança originária da Jamaica e modificada¹ nos EUA.

¹ O termo é utilizado em função de ser o que mais se adequa aos processos de transformação sofridas na dança originária na Jamaica, com a forma que na contemporaneidade, tem sido apresentada.

FUNDAMENTAÇÃO

A introdução da temática com a dança *Dancehall*, como dito anteriormente, ocorreu em virtude de ser um profissional de dança, ter participado de um curso em 2019 e ter conhecido esse estilo tanto de dança como de música, uma vez que a música é específica para o desenvolvimento da dança. A partir do contato com esse estilo, houve interesse em conhecer mais sobre a história e a cultura, embora reconheçamos as dificuldades em levantar acervo muito escasso.

Reconhecemos que a cultura tem um enorme poder de esclarecer, aceitar e ressignificar pensamentos diferentes e utilizamos, a partir dessa pesquisa, a dança *Dancehall* como viés para religar as matrizes africanas às relações cotidianas vivificadas na escola. Merleau-Ponty (1999) direciona percepções e escolhas pessoais do indivíduo à sua subjetividade, seus processos enquanto sujeito, único, singular, com sensações ímpares. Spinoza define através do afeto, o ato de afetar e ser afetado, a condição desse corpo ser orgânico, vivo, dotado de ações, também a partir de suas decisões.

A relação de devir aqui constituída, destaca-se pelas constantes modificações do indivíduo ao longo do tempo em uma relação direta entre o ambiente e a ação corporal, tanto através do corpo físico propriamente dito, como através do complexo de imagens que constituem o corpo afetivo. (PONTY, 1999)

Trago a relação de corpo físico e corpo afetivo integrado ao movimento que o corpo adquire através da memória. Para Cohen (2012), nossa mente consciente pode fazer do processo de corporificação, “um agente de: respiração, movimento, voz, consciência e toque a partir de qualquer célula e/ou conjunto de células (como tecidos e sistemas) para testemunhar o que surge: as qualidades de respiração, movimento, voz e toque; a atenção plena, como os sentimentos, sensações, emoções, memórias, sonhos, pensamentos, imagens e insights; e efeitos fisiológicos”. (COHEN, 2012, p. 158, tradução livre).

O que a autora ressalta é que o processo de corporificação trata de tornar a memória algo presente, fazer da base física no momento exato em que se move e, enquanto dramaturgia, vir a criar uma forma genuína de mover-se e, então, descobrir a forma ou conexões que emergem do desdobramento do processo criativo enquanto dança. Assim religar as matrizes africanas às relações cotidianas é acionar uma proposta de corpo-memória, resgatando lembranças a partir de ações como vemos na dança *Dancehall* e permitindo ao corpo, recordar o que desse material ainda está vivo no praticante. Para (COHEN, 2012, p. 13), “esse insight dos padrões do processo pode, então, abrir e

expandir as avenidas da expressão inconsciente”. O termo utilizado como “expressão inconsciente” nos remete a memória, principalmente, naquilo que o corpo consegue lembrar nos pós-acontecimentos, ou seja, é possível retomar através da memória sinestésica (memória corporal), as qualidades encontradas.

Podemos dizer que, uma vez o corpo sendo acionado por atividades e vivências, o que aqui nesta pesquisa se destaca com a prática da dança *Dancehall*, o corpo é capaz de resgatar memórias da prática, conseqüentemente, capaz de resgatar a ancestralidade que há em cada corpo, dando vida à sua negritude.

Para Bosi (1993, p. 4), vemos que “o papel da consciência é ligar com o fio da memória as apreensões instantâneas do real. A memória contrai numa intuição única passado-presente em momento da duração”. Nesse sentido, o evento “Feira-Afro”, em 2019, consiste em ser rememorado agora no ano de intervenção na escola, 2021, por meio da ligação entre a memória e as apreensões instantâneas do tempo real.

2.1 Campo Interdisciplinar

As áreas de conhecimento que serão abordadas no projeto didático-pedagógico de intervenção curricular envolvem as componentes Educação Física, Arte e os Temas Transversais.

Notamos que ainda há pouco material produzido sobre essa dança, o que nos permitiu buscar em diversos documentários que serviram de base teórica para os pesquisadores desse estilo retirarem informações convenientes para suas pesquisas.

Na perspectiva interdisciplinar, Minayo (2010, p.236) destaca que “a interdisciplinaridade constitui uma articulação de várias disciplinas em que o foco é o objeto, o problema ou o tema complexo, para o qual não basta a resposta de uma área só”. Ainda sobre a concepção, Habermas (1987) nos mostra que a interdisciplinaridade lembra de ter um objeto concreto a ser trabalhado com fragmentos disciplinares conectados pela pergunta central, para ampliar a compreensão e aprofundá-la. Ainda ressalta que há algo além da cooperação de disciplinas e é necessário trabalhar uma lógica comunicativa com o mundo da vida.

Na escola de tempo integral do município, por já haver dentro do PPP dessas escolas as disciplinas chamadas de “Eletivas”, os professores tendem a ter um laboratório prático para trabalhar duas ou mais áreas de conhecimento e/ou componentes curriculares com o objetivo de proporcionar ensino-aprendizagem em contextos diferentes dos trabalhados unicamente nas suas disciplinas. Assim, estudar diferentes propostas gerará

diferentes tessituras para os estudantes em todas as áreas de suas vidas, principalmente por haver a possibilidade de se trabalhar cultura e etnia dentro da interdisciplinaridade e interculturalidade, possibilitando uma riqueza de conhecimentos envolvendo as matrizes africanas, ancestralidade e a cultura negra, para quem a escolhe.

Chevallard (1991) conceitua “Transposição Didática” como o trabalho de fabricar um objeto de ensino, ou seja, fazer um objeto de saber produzido pelo “sábio” (o cientista) ser objeto do saber escolar. Nesse trabalho, a transposição didática ocorrerá a partir da análise dos documentários sobre a dança; a história e aprofundamento dos materiais teóricos levantados durante a pesquisa bibliográfica, o ensino dos passos relacionados à dança, em uma perspectiva pedagógica chamada de “steps”, no qual um conjunto de passos originários desse estilo em comum são ensinados e repetidos para assimilação e aprendizado.

Na Transposição Didática, a proposta teórica precisa ganhar vida e movimento e é por essa condição que a dança *Dancehall* foi trabalhada durante o evento “Feira Afro”, fazendo com que os participantes pudessem vivenciar esse objeto de saber científico dentro do contexto escolar através da dança na escola. Essa aproximação permite aos estudantes, experimentarem e compreenderem o que são os saberes científicos ao passo de também testarem suas veias científicas, enquanto cientistas pesquisando algo, e suas habilidades artísticas, participando da proposta em dança, ainda que não possuam habilidades para a dança. A participação será sempre o objeto de aproximação entre a ciência e a vivência.

Foucault (2010, p.132) afirma que “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. Os corpos politizados pelo eurocentrismo são corpos que não reconhecem suas próprias raízes. Esquecem seus antepassados e deixam os costumes, a cultura. Ainda que alguns nem sequer tenham aprendido sobre sua ancestralidade. Falar de danças de matrizes africanas é quebrar o estereótipo de corpo dócil, corpo manipulado, como obediente. É afirmar as tradições negras no contexto atual de sociedade, cultura e saber através da escola e romper com os padrões estabelecidos pela sociedade.

A partir disso, pesquisar outras fontes de saber traz e amplia a possibilidade de veracidade sobre algo, pois não se deve acreditar em só um lado da história. Um corpo dócil, corpo obediente, será facilmente enganado por acreditar na história que sempre foi contada, sem questionar.

2.2 Campo Intercultural

As fontes de pesquisa nos mostram que o estilo musical influenciou diretamente a criação da dança e, quanto ao surgimento do Dancehall como estilo musical, há uma ligação direta com o estilo musical popular Jamaicano que nasceu no final da década de 1960 em Kingston, capital da Jamaica, com raízes no Reggae, com um ritmo consideravelmente mais rápido.

De acordo com MINTZ e PRICE (2003, p. 29) o reggae é uma:

conexão contemporânea mais explícita entre Brasil e Jamaica, está mais associado, por terem trazido em sua letal travessia pelo Atlântico a memória das formas musicais ouvidas e cantadas em suas comunidades, que comprovadamente serviram de base para a síntese musical que inventou os gêneros praticados em todo o Caribe, além da Jamaica e do Brasil. São grupos oriundos da chamada África central e ocidental, que se estende do território hoje conhecido como Nigéria até Angola. Eles trouxeram para o Novo Mundo uma diversidade marcante em muitos aspectos, principalmente em relação à língua, mas também experimentaram em sua terra de origem uma relação de proximidade e compartilhamento cultural.

Inicialmente era um estilo um pouco vulgar pois contrariava de certa maneira as suas origens, pois as relações políticas e de religião vinculadas ao Reggae Roots (reggae tradicional) retratavam temas de festa, violência entre os gangs e sexualidade. Na história do *Dancehall*, as danças eram realizadas em casas de show e festas. O teor de várias letras possui conotação sexual e interfere diretamente no modo de dança dos homens e mulheres. Os passos masculinos possuem certa movimentação do quadril sempre para frente, enquanto os passos femininos acentuam a movimentação do quadril e movimentação do glúteo.

O Dancehall foi criado na Jamaica, por volta dos anos 80, dançada na música que tem o mesmo nome. Assim como as criações de alguns estilos de dança do Hip Hop, apareceu nas festas com passos sociais que tem seus nomes e seu estilo tem influências do Hip Hop, assim como o Hip Hop também tem influências das danças de matrizes africanas, o que originou esse estilo.

No Brasil, houve o surgimento da música Ragga / Dancehall, nos anos 90, nas periferias da Grande São Paulo. Mesmo sem fazer propriamente o estilo ragga, grupos como Defalla, Skank, Planet Hemp e o Rappa deram uma importante contribuição ao mostrar ao grande público canções com forte influência de Ragga / Dancehall. O que se percebe é que sempre há uma forte relação entre a música e, conseqüentemente, a dança desse estilo.

As contribuições de Ferraz (2012) nos orientam para:

O gênero dança afro sempre construiu técnicas de dança, aliás possui propriedades para a formulação de incontáveis técnicas. Há anos, coreógrafos têm construído metodologias de treinamento com base em seus fundamentos e corporalidades. O que existe é uma demanda política em constituir, organizar, identificar essas elaborações, no sentido de analisar suas propriedades estéticas, seus códigos corporais, suas formas e dinâmicas, seus princípios e diálogos (FERRAZ, 2012, p.281)

A música *Dancehall* passa por diversas transformações durante essa evolução do reggae; ragga; raggaeton (considerados tradicionais da Jamaica) até chegar nas modificações e modernizações das batidas da música através dos “sound systems²”, que eram as gravações com pegadas mais eletrônicas das músicas jamaicanas. A partir das músicas trazerem uma batida mais eletrônica, ficaram mais modernizadas, inclusive sendo tocadas através de um DJ, que fazia determinadas montagens, construções e desconstruções a partir da mesa de som. Desencadearam diversas propostas de danças de matrizes africanas, porém perspectivas mais modernas.

Além disso, encontramos espaço em falar dos temas transversais através da dança, uma vez que o *Dancehall* jamaicano possui passos específicos dançados por homens e passos específicos dançados pelas mulheres, chamadas de “Dancehall queens”. Vê-se nessa riqueza de detalhes, uma proposta sólida de colocar em prática esse estilo na escola.

Nos passos, há uma distinção visível entre quais movimentos devem ser executados somente por homens e quais movimentos devem ser executados somente por mulheres. Em virtude de nesse período de criação do estilo até hoje a Jamaica estar vivendo em guerra civil, a discriminação com a dança é muito grande. Há uma perseguição muito forte contra homossexuais e também reflete na dança, uma vez que todos os homens que dançam só podem dançar passos masculinos e de igual modo, as mulheres. Caso fossem descobertos fazendo passos diferentes de seus gêneros, as punições chegariam até a morte, o que demonstra o quanto o preconceito é gritante e a homossexualidade tem sido rechaçada nas comunidades jamaicanas.

² Sistemas de som, formas de amplificação de música popular por meio de paredões de caixas sonoras (Alvares, 2016, p.24)

DESENVOLVIMENTO

A Escola Municipal de Tempo Integral Diogo Vital de Siqueira, localizada no bairro José Walter da cidade de Fortaleza – Ceará, abriu espaço para que pudéssemos intervir com as propostas em prática. A escolha se deu por ser uma escola que leciono, tendo proximidade com os alunos e com a gestão, para que pudesse aplicar a pesquisa em formato de projeto durante as aulas de Educação Física e disciplinas Eletivas. A turma escolhida foi a do 7º ano do Ensino Fundamental II de 2019, onde possuem cerca de 4 turmas (A, B, C e D), atualmente no 9º ano deste ano, 2021.

A escola não possuía o costume de trabalhar as relações étnicas e de matrizes africanas em seus conteúdos, embora algumas particularidades do trabalho com a Lei 10.639/2003 acontecessem mais nas disciplinas e no componente curricular de História ou componente curricular Arte, de modo mais enfático.

Após uma viagem ocorrida no ano de 2019 para Florianópolis - Santa Catarina, me deparei com uma “Feira Afro” ocorrendo no meio da rua. A cor, a arte, as músicas e a cultura latentes no meio de uma cidade “branca” me trouxe muita alegria. Me senti seguro e representado naquele momento e lugar, ao invés de me sentir um tanto julgado (por minha cor), comparado aos outros lugares que estive (shoppings, lojas, restaurantes).

A partir dessa experiência, decidi trazer uma possível ideia parecida para as disciplinas da escola, possibilitando tratar desse assunto e de algum modo, tentar transmitir o mesmo sentimento que vivenciei naquele momento. A proposta de criar a “Feira Afro” teve ponto de início na disciplina de Eletiva, criada nas escolas de tempo integral como proposta de promover essa vivência diferenciada nas escolas.

A disciplina Eletiva contempla o Projeto Político Pedagógico – PPP, da escola, mas percebemos que as ações voltadas para as vivências e desdobramentos de conteúdos de matrizes africanas e interculturalidade ainda não estão, efetivamente, contidas no PPP. Isso dificulta um pouco propor uma rotina de atividades que trabalhem essa temática tão rica e necessária no contexto escolar, mesmo assim, o projeto ganhou rosto e corpo para que pudesse ser implementado como “culminância” das atividades propostas.

Pela proposta curricular contida no Projeto Político Pedagógico, a Disciplina Eletiva (2019) foi realizada entre a componente curricular Educação Física e nos Temas Transversais, relacionados à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nela, foram abordadas temáticas sobre a dança *Dancehall*, originalmente criada na Jamaica,

disseminada em todo o mundo e passando por diversas atualizações, a partir de um projeto maior denominado como “Feira Afro”.

A “Feira Afro” foi realizada no 2º semestre do ano de 2019, cujo envolvimento da escola passou por todos as turmas do Ensino Fundamental II (7º ano). Como precisamos realizar uma mesclagem das turmas, ao final o projeto deveria contemplar o total de 38 alunos inscritos. As temáticas como preconceito, etnia, racismo e negritude fizeram parte da essência da feira, pois as discussões no período do evento foram distribuídas em um encontro por semana durante quatro meses.

Esses temas também foram abordados nas aulas de diversas componentes curriculares, em especial, na Educação Física, uma vez que a dança escolhida – *Dancehall* – vem carregada de um emaranhado de conhecimentos na sua constituição histórica. A proposta apresentada fez uma relação da história dos povos de matrizes africanas até as culturas trazidas para território brasileiro, cearense, chegando à escola Diogo Vital de Siqueira, onde os alunos já tiveram contato com este material.

Com o contrato finalizado início do ano de 2021 e mesmo antes, houve uma diminuição drástica da participação dos estudantes durante o período remoto, ocasionado pela pandemia de COVID-19. Em virtude de os estudantes possuírem diferentes contextos sociais e financeiros, as aulas chegaram a ser acompanhadas por 1/3 da turma, o que de 38 alunos por sala, cerca de 16 acompanhavam de modo virtual. A outra metade, não possuía aparelhos para assistir a aula (notebook, computador, celular, tablete), ou mesmo com os aparelhos, não possuíam pacote de dados suficiente para assistir a aula.

Assim, a desigualdade ficou mais nítida e aumentou durante todo esse período. Ao retornar como professor em outubro de 2021, consegui retornar para a mesma escola e retomar o projeto e me instigou a utilizá-lo como agente de intervenção no trabalho de conclusão de curso da especialização, pela UNILAB.

Com o retorno das aulas presenciais, em outubro de 2021, tive contato com os mesmos estudantes participantes da Eletiva, dois anos após a culminância e encerramento da disciplina quando aconteceu, no ano de 2019. Surgiram algumas perguntas: *será que os estudantes participantes da Feira Afro em 2019 que continuaram na escola lembram de algo relacionado ao estudo de conteúdos de matrizes africanas? O que lembram? O que a memória poderia resgatar através das vivências de cada um desses estudantes sobre essa temática? E sobre a dança? O que o corpo carrega de informação? Houve algum aprendizado sobre o combate ao preconceito e às diferenças de gênero através da dança Dancehall?* Essas são algumas perguntas que instigaram a

continuidade do trabalho investigativo em questões que fundamentaram a intervenção formulada no trabalho.

A intervenção visa rememorar o Projeto “Feira Afro”, interpretando a relação dos participantes da dança *Dancehall* em seu cotidiano escolar, enquanto contexto social; cultural; corporal, em gênero e raça. A justificativa apresentada para a continuidade da pesquisa foi pensada em virtude do constante trabalho com danças de raízes negras e africanas que permeiam nosso meio social, ainda passíveis de preconceito e racismo. Segundo o documento formativo, a BNCC relata sobre o parecer CNE/CP nº 8/2012 e Resolução CNE/CP nº 1/201221), relacionados à educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena, constante nas Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008.

Muitas vezes as manifestações negras contidas na sociedade, ao serem abordadas na escola, sofrem retaliação e, então, precisamos conversar sobre isso! A proposta é fazer com que este assunto seja comum e tolerável no meio escolar, para que possamos modificar e ressignificar o Estado laico e democrático.

A pesquisa aplicada foi de campo, de tipo exploratória com abordagem qualitativa está relacionada com o aprofundamento nos fatos, pois é tipo de estudo que lida com a subjetividade dos acontecimentos, trabalhando assim com valores, crenças, hábitos e opiniões. (MINAYO, 2012).

Como público-alvo, tivemos os estudantes que participaram da “Feira Afro”, no ano de 2019 que ainda permanecem na escola no ano de 2021. Para coleta de dados, foi utilizado um questionário semiestruturado, onde os estudantes responderam perguntas relacionadas aos objetivos da pesquisa, com total de respondentes de 11 estudantes.

Todas as perguntas foram relacionadas à memória dos participantes durante a Feira Afro, pois acreditamos que através da memória, percebemos as ligações com os objetivos da pesquisa, a exemplo do que ficou de lembrança do período do projeto, as influências posteriores na relação identitária afro-brasileira e no cotidiano da dança com a escola. Ainda sobre essa questão de resgate desse passado, Bosi (1993, p. 5) “afirma que a memória é sim um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”. Daí que essa lembrança será fonte de composição do trabalho uma vez que os participantes já vivenciaram as ações da feira há 2 anos anteriores, e agora estarão dispostos a pôr em prática essa experiência do perceber e do lembrar.

Interessante que o termo cultura estar presente como elemento imbricado na sociedade (nas sociedades, na verdade) a ponto de acionar propostas que conseguem transpassar o tempo enquanto propostas atemporais. Uma vez que trazemos as matrizes africanas para o campo de estudo desta pesquisa, a atemporalidade nos permite resgatar sensações, movimentos, a espiritualidade dos antigos através da ancestralidade. Através dela, a capacidade de resgatar a cultura dos antigos e avivar para os dias atuais abrirá percursos para o entendimento dos estudantes sobre a dança *Dancehall* e as relações do cotidiano no tocante às raízes africanas.

3. RESULTADOS

No diálogo entre o objeto e a proposta de intervenção, expomos aqui parte dos resultados da pesquisa coletados entre as experiências memoradas dos 11 (onze) participantes que se apresentam através de possíveis discussões no período de outubro a dezembro de 2021, quando as aulas presenciais retornaram no município de Fortaleza. No ano de 2019, cerca de 38 estudantes participaram do evento que deu início a proposta da pesquisa chamada de “Feira Afro”. Em 2021, somente 11 participantes ainda permaneciam na escola e foram através deles que a amostra foi realizada.

Com base em Glissant (2013, p.73) afirma que:

O caos é belo quando concebemos todos os seus elementos como igualmente necessários. No encontro das culturas do mundo, precisamos ter a força imaginária de conceber todas as culturas como agentes de unidade e diversidade libertadoras, ao mesmo tempo. É por isso que reclamo para todos o direito à opacidade. Não necessito mais “compreender” o outro, ou seja, reduzi-lo ao modelo de minha própria transparência, para viver com esse outro ou construir com ele.

Percebemos que nos estudos de conteúdos de matrizes africanas, precisamos trabalhar o conceito de equidade, não como pressuposto para tolerar o outro. A causa é conviver com as diferenças sabendo que estão presentes no cotidiano e, afetam a história ao longo dos anos.

Os resultados foram apresentados em quatro categorias, de acordo com as perguntas feitas. A distribuição foi organizada em:

>> Categoria I – Memória. A pergunta foi: Qual a memória que você tem da cultura afro na Feira Afro apresentada em 2019? A lembrança que você tem aflora a memória de ancestralidade que carrega?

>> Categoria II – Dança. A pergunta foi: Qual a memória que você tem em dançar o estilo dancehall na Feira Afro? Você acha que os movimentos têm relação com as danças africanas? Porque?

>> Categoria III – Raça. A pergunta foi: Para você, há alguma relação entre a dança dancehall e o combate ao preconceito? Porque?

>> Categoria IV – Gênero. A pergunta foi: Sobre as danças africanas, como o dancehall, você acha que o gênero (masculino, feminino ou outro) interferem na dança? E a sociedade, como se comporta sobre a Dança e os padrões de gênero?

Uma das propostas a levantar pesquisa sobre essa temática é aumentar o acervo de informações sobre o *Dancehall*, as danças de matrizes africanas e a relação com a proposta escolar. Ainda não há material científico escrito em português referente à

dança, dificultando mais ainda as investigações e levantamento de informações sobre a temática.

Segue as seções de perguntas e respostas a partir da memória dos estudantes sobre a temática da cultura afro na Feira Afro apresentada, em 2019, destacamos as seguintes falas:

“O Samba sem sombras de dúvida quando a gente começou a fala sobre a cultura falamos sobre as danças que foram passadas de geração em geração como várias outras coisas mais quando fomos falar sobre, muitos citaram o samba já que todos sabemos que vem da cultura afro”. (Estudante A)

“Eu lembro das danças que as meninas e o Jander dançaram e foi muito massa, lembro das comidas típicas, lembro da história, e a importância da capoeira. Lembro também que antes da feira a gente aprendeu sobre a importância das tranças e outras coisas”. (Estudante D)

A construção da “Feira Afro” passou por estudos sobre possíveis danças que carregassem as matrizes africanas em sua construção: samba; jazz; dancehall; maculelê e em todos os conteúdos estudados, partilhávamos da história, da possível chegada ao Brasil e arriscávamos realizar uma possível vivência prática baseada na construção de passos dentro daquele estilo. Como professor de dança do estilo jazz e balé contemporâneo, sempre dançava com os alunos para incentivá-los a participarem das vivências e percebemos que essa memória se tornou bem viva nas lembranças dos participantes. A construção da Feira ocorreu a partir da escolha dos próprios estudantes sobre os materiais que iriam escolher para apresentar na culminância do evento. Se formos categorizar as escolhas, elas se organizaram em: tranças; comidas típicas; história; acessórios e dança.

Cada grupo formado pelos próprios alunos se encarregou de fazer um levantamento de tarefas e distribuí-las para que todos participassem. Vemos que algumas decisões trouxeram maiores lembranças do que outras, uma vez que os participantes da pesquisa lembraram bastante da dança e da oficina de tranças. São essas ações que afetam a vida dos estudantes e fazem com que eles possam vivenciar, ressignificar e reproduzir as mudanças no ambiente escolar, na sociedade e na família.

Verificamos que a memória que foi trabalhada para trazer as vivências da “Feira Afro” à tona, para o real, foram importantíssimas para a construção social de cada um dos estudantes participantes. As lembranças e os momentos afetivos foram tão valiosos a

ponto de ao analisar a fala dos estudantes, vê-se informações que não foram esquecidas, e além disso, fazem parte do currículo cultural de cada um. E eles carregarão essas informações para outros espaços e temporalidades e assim, estaremos construindo um espaço escolar, social mais humano.

Ao trabalharmos com a Categoria II – DANÇA, temos as seguintes respostas que nos auxiliaram na intervenção:

Em uma das reuniões de encontro que a gente teve que falamos sobre as danças, falamos sobre o dancehall. Eu não sabia muito sobre ela, quase nada na verdade. Depois desses encontros aprendi bastante que o dancehall é uma dança que traz um tema bem forte e que veio das ruas e que se usa bastante o quadril e o peitoral, que é bem parecido com o hip hop. (Estudante E)

Pelo comentário, existem características corporais típicas dessa dança africana, tais como: a predominância de movimentos que partem do quadril e do peitoral. Quando verificamos o movimento realizado pelas danças africanas, vê-se muitos estímulos partindo desses dois pontos do corpo humano. A corporeidade existente nas danças africanas faz com que os movimentos tenham evidência principalmente no quadril, em que o auxílio dos joelhos flertidos auxiliará no desenvolvimento das ações.

Foster (2010) destaca cerca de três modelos de treinamento específicos para o corpo de um dançarino: o balé, o industrial e o *release*. A autora comenta que, ao adotar o treinamento diário do balé (o que revela tê-lo como modelo técnico de excelência), a corporeidade do que dança torna-se mais geométrico, o tempo dos passos mais precisos e as orientações espaciais direcionadas ao olhar que a observa da audiência. Foster ainda afirma que tais parâmetros transformariam outros corpos e suas características regionais específicas em versões baletizadas de dança.

Do mesmo modo, penso que os corpos, que não são dóceis podem aprender características e movimentos. Como Foster (2010) fala que qualquer corpo pode adquirir uma forma “baletizada” a partir de treinamentos, um corpo não pode rememorar sua ancestralidade através de danças de matrizes africanas? Fica o questionamento do que já está em nossa raiz e em nosso corpo: a ancestralidade. Talvez nos falte a procura pessoal dessa espiritualidade em cada um.

Ferraz (2012) destaca que a associação do conjunto de saberes e a noção de técnica corporal segundo Marcel Mauss. Para o autor, a técnica corporal refere-se aos modos pelos quais os homens se utilizam de seus corpos, sendo que este conhecimento é

um fator social, veiculado e adquirido conforme uma tradição, um hábito, que condiciona inclusive a forma dos próprios processos de aprendizagem.

Ainda segundo Mauss (1974):

Chamo de técnica um ato tradicional eficaz (e vejam que, nisto, não difere do ato mágico, religioso, simbólico). É preciso que seja tradicional e eficaz. Não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição. É nisto que o homem se difere sobretudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral (MAUSS, 1974, p. 217).

O *Dancehall* vem de fatores sociais vivenciados nas ruas da Jamaica. Parte dos passos criados fazem menção à guerras civis que ainda ocorre no país, fazendo com que as composições coreográficas também sejam processos políticos de resistência no tocante à cultura e aos anseios sociais da comunidade. É nessa relação de aprendizado através da tradição, e não necessariamente da técnica, que a dança se perpetua na sociedade. Os movimentos precisam ser corporificados, vivenciados no corpo e não somente nas falas.

Quando trabalhamos com a Categoria III – RAÇA, chamamos atenção para os seguintes registros feitos pelos jovens:

Sim, por que quanto mais dançamos mais mostramos o quanto isso é importante e o quanto isso é necessário. Mostramos que isso faz parte da nossa cultura e de que por um momento nos conectamos com os nossos ancestrais e mostramos que a luta deles não foi em vão. A luta não acabou mais continuaremos em frente mostrando a nossa cultura e a nossa história. (Estudante J)

Sim, porque a dança Dancehall é uma arte e é importante por que é uma forma de luta contra o preconceito ainda, porque ainda tem gente preconceituosa que tenta mascarar o preconceito falando que a opinião só para ser preconceituosa com outras culturas. (Estudante H)

Sim, porque a dança Dancehall é uma arte e é importante por que é uma forma de luta contra o preconceito ainda, porque ainda tem gente preconceituosa que tenta mascarar o preconceito falando que a opinião só para ser preconceituosa com outras culturas. (Estudante F)

Durante a “Feira Afro”, convidei um amigo para palestrar sobre preconceito na escola. Rubéns Lopes, bailarino; coreógrafo; gay e ativista, trouxe para as estudantes realidades da história de como ser preto na sociedade atual. Vi nas palavras dele, realidades do dia a dia que fizeram todos os estudantes ficarem bem atentos a todas as

suas palavras. Alguns aplaudiram muito. Outros choraram por ouvirem do palestrante, vivências dele que também já foram vivenciadas pelos alunos nas ruas.

Sinto que ações como essas trazem um processo de afirmação dos estudantes sobre seus direitos civis na sociedade. De afirmação de suas características físicas, do seu cabelo ou outro adereço que possam usar fazendo menção à África. As relações com a Diáspora Africana não estão somente na dança, mas nos comportamentos e bandeiras que foram, são e serão levantadas a partir de encontros educativos como esses.

Guimarães afirma que:

...o modelo norte-americano exibiu um padrão de relações violento, conflitivo, segregacionista, vulgarmente conhecido como “Jim Crow”, sancionando por regras precisas de filiação grupal, baseadas em arrazoados biológicos que definiam as “raças”. O modelo brasileiro, ao contrário, mostrava uma refinada etiqueta de distanciamento social e uma diferenciação aguda de status e de possibilidades econômicas, convivendo com equidade jurídica e indiferenciação formal; um sistema muito complexo e ambíguo de diferenciação racial, baseado sobretudo em diferenças fenotípicas, e cristalizado no vocabulário cromático (GUIMARÃES, 2009, p.41).

Trago na fala de Guimarães, um contexto histórico de como o preconceito funciona no Brasil, diferente de como ocorre em estados norte-americanos. O preconceito aqui baseia-se no distanciamento e na perseguição fenotípica. Muitas vezes não há conflitos diretos, mas está enraizado na estrutura do país. As pessoas têm preconceitos com cor; com sotaque; com características físicas e respondem de algum modo se afastando.

Tais ações invadem as escolas e trazem um ambiente de repressão, bullying e preconceito disfarçado de antipatias. Não é brincadeira e machuca bastante. Ao início do ano de 2020, fui chamado de macaco por uma estudante do 6º ano. Trago essa informação em virtude de que ninguém está a salvo de situações constrangedoras como essas. Eu, adulto, professor, senti bastante essa ofensa. Fiquei me perguntando como estudantes em fase de tamanhas mudanças físicas e psicológicas (adolescência) conseguem conviver com insultos assim. Este é um dos motivos que escolhemos a temática Matrizes Africanas para falar na escola. As vezes a criança só responde por achar que todas as falas são afrontosas e precisamos saber lidar com situações assim.

Ao final da palestra, o convidado Rubéns ministrou a oficina de tranças, onde ensinou para os estudantes como realiza-las com pouco material. Foi um dia inesquecível para todos os presentes. Falar de raça é militar contra o sistema atual. É dar voz aos que já a possuem, mas precisam conquistar à força seu espaço e sua dignidade na sociedade.

Por fim, quando trabalhamos com a Categoria IV – GÊNERO, temos:

Não interfere, mas vivemos em uma sociedade onde as pessoas dizem se um homem pode ou não dançar. Onde um homem não pode dançar balé ou uma mulher dançar hip hop porque dizem eles (sociedade) que balé é feminino demais é hip hop é bruto demais. Essa questão até mudou muito, a gente hoje vê muitos meninos dançando balé, mas sempre as pessoas vão duvidar da sexualidade dele por isso a gente ainda tem que lutar muito contra isso mais acredito que um dia a gente chega lá. (Estudante B)

Nem todos aceitam a questão de gênero, então alguns criticam, infelizmente há pessoas que criticam homens/meninos por dançar, qualquer tipo de música, os chamam de muitas coisas!! Isso não deveria existir, até por que dança é uma forma de se expressar, para algumas pessoas é até mesmo um tipo de "terapia"... Várias pessoas têm preconceito com a dança e os gêneros das pessoas, infelizmente. (Estudante E)

Não, a sociedade ainda tem preconceito com homem na dança, muito com homem no ballet, com a mulher dança break dance e hip-hop. Mais com tempo acho que eles estão aceitando mais (não totalmente), todos os gêneros e aprendendo apreciar. (Estudante C)

Os estudantes carregaram em seus discursos, uma perspectiva de que a sociedade tradicional repudia a troca do estabelecido “padrão”, o homem que prefere dança e a mulher que prefere lutas. O homem tem que jogar bola, fazer lutas e esportes radicais, enquanto para a mulher cabe as modalidades de dança e ginástica e esportes mais leves.

Na escola, a proposta principalmente na Educação Física é realizar uma desconstrução de padrões de gênero para as modalidades. Uma vez que a proposta é futsal, todos independente de sua condição ou escolha sexual terão aprendizados sobre aquele conteúdo. Do mesmo modo com as lutas. Na mesma condição para as danças. Quando não estimulamos as vivências, os preconceitos aumentam e conseqüentemente a repulsa em praticar.

Goellner (2003) fala que uma série de comportamentos e expectativas como o cuidado às crianças, a atenção à educação, às atividades como Ginástica e Dança, por exemplo, sempre foi direcionada às mulheres em função de seu carisma, graça e harmonia. Uma complementação desse discurso (LOURO, 1998; CHASSOT, 2003)

permite relatar que as atividades e modelos sociais influenciaram decisivamente na construção de uma História da Educação e Ciência. Junto a isso, houve a interferência dos modos de ser e de estar de sujeitos sociais por meio de relações, silenciamentos, negações, disputas.

Essas interferências ainda hoje existem e precisam ser desconstruídas. As mesmas interferências eurocêntricas de que a dança com os homens se iniciou nos Balés de Córte sendo dançadas pelo Rei. Não é que a história esteja errada, mas de que história de qual povo estamos falando? Quando falamos de dança, dança de matrizes africanas, temos dificuldades em afirmar como se iniciou e quando homens iniciaram a dançar. Não conhecemos a história dos povos negros, sempre esquecidos pela “história” verdadeira.

Mas porque falar de dança e gênero? Pois precisamos dar continuidade a essa quebra de arquétipos que continuam dividindo a dança. Dicotomizando os processos. Scott destaca que:

O Gênero, então fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana. Quando os/as historiadores/as buscam encontrar as maneiras pelas quais o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as formas particulares e contextualmente específicas pelas quais a política constrói o gênero e o gênero constrói a política (SCOTT, 1995, p. 89).

Dança é um ato político. Dançar é uma ação política significativa e ressignificativa de padrões já estabelecidos. Quando a dança encontra espaço prático através de vivências no ambiente escolar, essa experiência é capaz de modificar o olhar dos estudantes sobre a temática dança. Eles passarão a aceitar mais, a verem cada vez mais normalidade nas participações, independente da modalidade que esteja sendo oferecida.

Para Duarte (2016), quando jovens meninos começam a dançar e a conviver no mundo da dança muito provavelmente enfrentarão um duplo preconceito: dentro da própria família e no contexto social. Assim, faz-se necessário gerar desconstruções capazes de oferecer propostas para os estudantes de ambos/amplos os gêneros e apoio para as participações dentro do contexto de preconceito.

Na escola em que o projeto foi aplicado, consegui diversos avanços sobre a participação de homens na dança, ainda que também tenha encontrado bastante dificuldade da parte de familiares e dos próprios estudantes, ainda que muitos tenham

mudado de opinião. O que considero um ganho sem precedentes para o ensino aprendizagem e vivência cultural deles.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A “Feira Afro” (2019) foi um evento potente o suficiente para ficar na memória dos estudantes participantes, ainda que após 2 anos do evento, nos depararmos com informações tão vivas sobre o momento e o que ele proporcionou para a aproximação do cotidiano escolar com as matrizes africanas através do *Dancehall*.

Para ser possível, foi necessária a proposta interdisciplinar das escolas de tempo integral, capazes de proporcionar a junção, a simbiose de componentes curriculares para que um novo modo de ensinar pudesse ser criado. Minayo (2010, p. 436) afirma que:

A interdisciplinaridade não deve ser entendida como uma camisa de força para juntar pessoas, e nem para acomodar interesses: quando demandada, ela responde a uma pergunta trazida por um tema, de tal forma que ultrapasse a multidisciplinaridade e a multiprofissionalidade, ao mesmo tempo em que conta com elas.

A partir dessa proposta, percebe-se nas respostas dos estudantes, as relações e modificações criadas pela experiência da feira, uma vez que tiveram contato com a cultura de vários países de matrizes africana e vivenciaram palestras sobre preconceito; danças; oficina de tranças; história e comidas típicas de regiões específicas.

Por meio da aplicação de questionário apresentado aos participantes de outubro a dezembro de 2021, as respostas foram separadas em seções para que a organização e o entendimento de cada momento pudessem ser realizados. Dos 38 alunos participantes em 2019, cerca de 11 estudantes responderam ao questionário, uma vez que ainda permaneciam na escola, enquanto os outros já haviam saído.

Com o objetivo de rememorar o projeto “Feira Afro”, interpretando as relações dos participantes com a dança *Dancehall* em seu cotidiano escolar, percebo que tanto o objetivo principal como os específicos foram contemplados. Percebo a compreensão da ancestralidade e a afirmação dela nos discursos dos participantes.

Para a resposta dos objetivos específicos, foram separadas as perguntas do questionário em seções: I – Memória; II – Dança; III – Raça e IV – Gênero, onde o feedback dos estudantes foi descrito conforme lembravam do evento. A dança, fator imprescindível da pesquisa foi descrita pelos estudantes de modo minucioso, relatando a movimentação de tronco (descrito como peitoral) e quadril, típico das danças negras.

A temática Raça (III) e Gênero (IV) também foi exposta a partir da opinião dos participantes, relatando que se faz necessário dar uma atenção maior para essas temáticas (Temas Transversais) dentro das aulas, independente do componente curricular que esteja sendo abordado.

A Interculturalidade, fator significativo da pesquisa, está presente na proposta de relacionar contextos culturais entre Brasil e Jamaica (origem da dança *Dancehall*), porém com bastante dificuldade devido ao acervo escasso de pesquisas. Alvares (2016) destaca que:

No entanto, ainda hoje o estudo dessa rede transcultural sofre restrições por causa da mentalidade que enrijece os sistemas culturais. A experiência compartilhada pelas populações de origem indígena, africana e europeia e os elementos expressivos que compuseram essa experiência, como a língua e as manifestações musicais, foram sintetizados na música popular praticada nos últimos quinhentos anos no Novo Mundo e no audiovisual concebido no último século e também neste. Apesar da transculturalidade evidente dessa produção, a submissão dessa herança e de seus desdobramentos contemporâneos às delimitações nacionais, impediu por muito tempo o surgimento de estudos que não estivessem comprometidos com a afirmação da cultura como naturalmente emanada de territórios rigidamente demarcados (ALVARES, 2016, p. 20).

Há uma escassez de pesquisas relacionadas à interculturalidade, motivo pelo qual esta produção soma ao acervo afim de desenvolver mais pesquisas no eixo Interdisciplinaridade-Interculturalidade.

Assim, a pesquisa considera-se positiva, ainda que distante de ser concluída, pois houve relação significativa do processo de rememoração feita pelos estudantes e suas relações com as culturas de matrizes africanas. Os objetivos específicos foram respondidos intrinsecamente a partir dos questionários, potencializando a discussão dos Temas Transversais dentro dos componentes curriculares dentro da escola.

Destaco ainda que a disciplina Eletiva contempla o Projeto Político Pedagógico – PPP, da escola, porém ações voltadas para as vivências e desdobramentos de conteúdos de matrizes africanas e interculturalidade ainda não estão contidas no PPP. Essa talvez seja a próxima meta para a pesquisa: incluir conteúdos de matrizes africanas no Projeto Político Pedagógico da escola e da Rede Municipal.

Recomendamos a continuidade do trabalho em incorporar o projeto “Feira Afro” no PPP da Escola Municipal de Tempo Integral Diogo Vital de Siqueira. Outro anseio é a possibilidade de incorporar esse projeto nas formações e recomendações para todas as escolas do município, através de parcerias com a Secretaria Municipal de Educação – SME, para que outras crianças possam ter oportunidade de vivenciar as ações descritas nesse trabalho em suas vidas. Acreditamos, por fim, que através destes meios, a prática da dança – *Dancehall* – bem como a cultura e conteúdo de matrizes africanas

tendem a abranger mais espaço no cenário educacional, fortalecidas, ouvidas e potencializadas nas escolas.

REFERÊNCIAS

Alvares Vidigal, Leonardo **TRANSCULTURALIDADES**: redescobrimo as conexões ancestrais Revista Brasileira do Caribe, vol. 17, núm. 33, julio-diciembre, 2016, pp. 17-35 Universidade Federal do Maranhão Sao Luís, Brasil.

BRASIL. **A Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação é a base**. Brasília: Ministério da Educação, 2018b. Disponível em:<basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: Acesso em: 03 abr. 2020. (opção)

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília, 2012. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 30 jul. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 maio. Seção 1, 44-46, 2016.

CHASSOT, A. **A ciência é Masculina?** São Leopoldo: Editora Unisinos – Coleção Aldus, 2003.

Bosi, E. (1993). A pesquisa em memória social . *Psicologia USP*, 4(1-2), 277-284. <https://doi.org/10.1590/S1678-51771993000100012>

CHEVALLARD, Y. **La Transposition Didactique**. Grenoble: La Pensée sauvage, 1991.

COHEN, Bonnie Bainbridge. Sensing, Feeling and Action: The Experiential Anatomy of Body-Mind Centering®. 3. ed. Northampton: Contact, 2012.

DUARTE, G.O. **Masculinidades dançantes em Pelotas/RS**. In: Paralelo 31, v.2. Pelotas, p. 78-87, 2016.x'

GOELLNER, S.V. **A produção cultural do corpo**. In: LOURO, G,L: NECKEL, J, F; GOELNNER, S.V (Orgs), Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes (2003).

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

Ferraz, Fernando Marques Camargo, 1978-O corpo da dança negra contemporânea: diásporas e pluralidades cênicas entre Brasil e Estados Unidos / Fernando Marques Camargo Ferraz. - São Paulo, 2017. 368 f. : il. color

Ferraz, Fernando Marques Camargo, 1978- O fazer saber das danças afro: investigando matrizes negras em movimento / Fernando Marques Camargo Ferraz. - São Paulo, 2012. xi ; 291 f. ; il. + anexo

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: Nascimento da prisão. 38. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

Site:<http://soulstreetsdance.blogspot.com/2009/01/o-Dancehall-um-estilo-musical-popular.html>

FOSTER, Susan Leigh. Dancing Bodies: an addendum, 2009. In: SELLAR, Tom. Theater: **Post Global dance**. Yale School of Drama, v. 40, n. 1, 2010.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2013.

Habermas J 1987. Teoria de la acción comunicativa Taurus-Biblioteca de Filosofia Contemporânea, Ed. 70, Madri-Portugal.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. Vol.II. São Paulo, Edusp, 1974.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Tradução de Carlos Alberto Siqueira de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MINTZ, Sidney e PRICE, Richard. *O nascimento da cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica*. Rio de Janeiro: Pallas/Universidade Cândido Mendes, 2003

SCOTT, J. **Gênero: uma Categoria útil de Análise Histórica**, In: Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, V2, n2, p. 71-99, 1995.

VIDIGAL, Leonardo Alvares. “A Jamaica é aqui”: arranjos audiovisuais de territórios musicados. / Leonardo Alvares Vidigal. – Belo Horizonte, MG: [s.n], 2008.

FIGURA I



Fonte: elaborada pelo autor (ano)

FIGURA II



Fonte: elaborada pelo autor (ano)

FIGURA III



Fonte: elaborada pelo autor

FIGURA IV



Fonte: elaborada pelo autor